

EDITORIAL

Caro Leitor,

Conforme noticiou o Professor Dr. Orleans Martins no editorial do v.4, n.3, publicado em outubro de 2016, após 4 (quatro) anos como Editor Geral da **RECFin**, ele deixa esta função para assumir novos desafios e eu assumo o desafio como novo Editor Geral.

Gostaria de agradecer e parabenizar ao Professor Orleans pelo excelente trabalho que ele fez à frente da Revista. Acompanhei seu trabalho e vi o quão difícil é iniciar e manter uma Revista que não era ranqueada inicialmente.

Assim, meu desafio é continuar auxiliando no crescimento da **RECFin**, que em tão pouco tempo alcançou o estrato **B3 do Qualis**, além de estar com diversos indexadores e contar com um bom grupo de revisores que também são responsáveis pelo nosso sucesso.

Nosso primeiro desafio foi conseguir publicar os novos números da Revista no início do quadrimestre. O Professor Orleans lançou o desafio em uma de nossas últimas reuniões de 2016, quando lembramos: o início do quadrimestre é em 1º de janeiro. Então vamos lá. Vamos publicar o número em 1º de janeiro e aqui estamos.

Outras mudanças ocorreram para este primeiro número do ano de 2017: **adoção da APA; publicação de 8 (oito) artigos por número** no lugar de 6 (seis); e a utilização de um **resumo estruturado**, no lugar do resumo clássico em um parágrafo corrido.

Com essas mudanças, nós começamos a introduzir o longo processo de internacionalização da nossa Revista, que já vem recebendo artigos de autores de outros países – este número contém um deles, inclusive.

Além dessas mudanças que visam beneficiar todos os interessados na Revista, nós reforçamos neste ano que chega que um dos nossos compromissos é fornecer revisões tempestivas e de qualidade aos artigos submetidos. Para isso contamos com a imensa ajuda dos nossos revisores e autores de artigos que são convidados a participar do processo de publicação, revisando trabalhos de outros autores.

Com relação ao processo de avaliação, gostaria de apresentar algumas estatísticas específicas sobre este primeiro número de 2017, listadas nos próximos 3 (três) parágrafos.

Nós solicitamos que os revisores nos retornem suas recomendações sobre os artigos em um prazo de 1 (um) mês. Neste número, o tempo médio de espera pela primeira revisão do artigo foi de 65 dias, sendo o tempo mínimo de 2 dias e o tempo máximo de 138 dias. Retirando-se esses extremos, temos uma média de espera pela primeira revisão de 63 dias.

Para a versão final do artigo ser aprovada por um de nossos editores, contando desde a data da submissão inicial, o tempo médio de espera foi de 86 dias. O tempo mínimo foi de 3 dias e o tempo máximo foi de 201 dias. Retirando-se os extremos, a média de espera para a aprovação desde a submissão inicial até a última versão do artigo foi de 91 dias.

65 dias para receber a primeira revisão dos dois revisores anônimos e **86 dias para ter o artigo recomendado para publicação**, em nossa opinião, é um período de tempo razoável. Nossa meta é reduzir o tempo de espera dos autores, sem perder qualidade das revisões. Em 2017 continuaremos com esse objetivo.

Antes de escrever este editorial, eu li um pouco sobre editoriais de revistas científicas, li alguns editoriais de revistas científicas que eu costumo acompanhar e uma das coisas que me chamou mais atenção, por nunca ter parado para pensar nisso, é que um editorial deve analisar evidências e não as produzir (Singh & Singh, 2006). Sendo assim, finalizando a minha participação neste primeiro editorial, nada melhor do que apresentar uma visão geral deste nosso primeiro número de 2017, com as evidências encontradas nos artigos que foram aprovados para publicação.

O primeiro artigo deste número é um trabalho que eu li quando estava no início do mestrado e que não havia sido publicado na sua versão definitiva até hoje. Até hoje! Infelizmente não temos mais, por diversos motivos, muitos artigos como esse publicados aqui no Brasil. E isso é uma pena.

Lembro, ainda no mestrado, que um dos primeiros artigos que eu tive que ler foi “O crepúsculo do lucro contábil” (Hopp & Leite, 1988) e a bela resposta em “Lucro contábil: crepúsculo ou ressurgimento?” (Iudícibus, 1989). Um outro exemplo, mais empírico e recente, pode ser visto em Janakiraman e Radhakrishnan (2015) que discutem o artigo de Almeida e Dalmácio (2015). Recomendando que as pessoas que ainda não leram, leiam esses quatro trabalhos.

Para 2017, nós todos poderíamos pensar em coisas assim no Brasil e focar um pouco menos no empirismo. Ambas as abordagens são importantes e não podemos esquecer das discussões mais teóricas.

Sendo assim, é uma honra poder publicar o artigo **A (In?) Justiça do Valor Justo: SFAS 157, Irving Fisher e GECON**, de autoria de Paulo Roberto Barbosa Lustosa. Além disso, é um orgulho para nós poder divulgar que a **RECFin** não tem restrições quanto à publicação de artigos teóricos. Quem sabe não conseguimos publicar um artigo que possa discutir este trabalho? Alguém disposto?

Em seu artigo, Lustosa analisou o grau de aderência dos conceitos de mensuração presentes no *Statement of Financial Accounting Standards no. 157*, emitido em 2006, hoje com vários *amendments*. Apesar da intenção “filosófica” por trás do uso do adjetivo “justo” pelo FASB, o autor demonstra, após discutir sobre contabilidade econômica e mensuração contábil, que não se pode garantir a justiça em todas as mensurações a valor justo.

Este é um bom artigo para se ler e discutir sobre teoria e mensuração contábil com alunos, Professores e demais interessados no tema. Publicamos também uma versão em inglês, para que os leitores da nossa revista possam compartilhar com um público maior. Agradecemos ao Professor Lustosa por nos submeter as duas versões do seu trabalho.

O segundo artigo desta edição trata de um tema ainda pouco estudado no mundo inteiro: utilização de redes sociais pelas empresas para a divulgação de informações, sejam elas financeiras ou não.

Quem não lembra de como Eike Batista usava suas redes sociais para fazer propaganda sobre os negócios das empresas? Quem não lembra do que aconteceu com as empresas do grupo controlado por ele? Assim, aproveitando a lacuna existente nessa área, Sandrielle Leite Mota e Suelem Katherinne de Macedo Pinto escreveram “**A Utilização do Twitter na Análise do Disclosure Voluntário das Empresas Brasileiras com Níveis Diferenciados de Governança Corporativa**”, avaliando o nível de *disclosure* no Twitter, especificamente, das companhias brasileiras de capital aberto.

Além do tema ser interessante, os achados da pesquisa divergiram do que foi encontrado em outros trabalhos, abrindo espaço para mais pesquisas nesta área com metodologias distintas, de modo a entender melhor o funcionamento e as implicações desse tipo de divulgação.

Em o “**Comportamento do Volume de Negociações e do Risco de Mercado antes e após os Resultados das Eleições Presidenciais em 2014: um Estudo com Empresas Brasileiras de Capital Aberto**”, Alexander da Silva, Josilene da Silva Barbosa e Flávio Ribeiro analisaram o efeito do resultado das eleições presidenciais em 2014 no risco de mercado medido em função do volume de títulos negociados pelas empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA.

Os autores mostraram que, em períodos de instabilidade política, o comportamento do mercado pode se alterar e que ao prever esse tipo de alteração no mercado os investidores poderão se prevenir tomando decisões que consideram esse tipo de evento.

Já em *“Audit Committee: um Estudo das Características das Empresas Listadas na BM&FBovespa”*, Milena Araújo Rego Amorim, Carla Lira Miranda, Donizete Reina, Diane Rossi Maximiano Reina e Mirian Albert Pires compararam as características dos comitês de auditoria de 65 empresas listadas na BM&FBovespa nos anos de 2014 e 2015, com as obtidas anteriormente nos anos de 2012 e 2013.

Auditoria, governança, ativismo e proteção aos investidores (esse tópico, especialmente, tem muito espaço para pesquisa no Brasil) são sempre temas muito importantes, principalmente em mercados menos desenvolvidos como o nosso, para que os investidores sintam mais segurança em investir, auxiliando, assim, no nosso desenvolvimento econômico. Portanto, alguns dos achados desta pesquisa chamam muito a nossa atenção: falta de independência dos membros dos comitês de auditoria, entre alguns descumprimentos de regulamentos relacionados a este tema.

Saindo um pouco da linha de contabilidade financeira e mercado de capitais – mas só um pouco porque o artigo tem como tema a gestão de riscos, apesar de não analisar dados de mercado – temos a *“Produção Acadêmica dos Artigos Publicados em Revistas Científicas Nacionais Disponibilizadas na Base Atena sobre o Tema Gestão de Riscos de 2000 a 2015”*, de autoria de Henrique César Melo Ribeiro. O autor analisou o perfil e as particularidades da produção acadêmica sobre gestão de riscos, que foram publicados em periódicos listados na base Atena, entre 2000 a 2015.

Esse é mais um tema empolgante e importante tanto para empresas quanto para investidores e órgãos reguladores. Uma evidência disso é que Ribeiro encontrou uma grande quantidade de subtópicos relacionados à gestão de riscos.

Voltando para os artigos que utilizaram base de dados para realizar um trabalho empírico, Micheli Aparecida Lunardi, Edmery Tavares Barbosa, Moacir Manoel Rodrigues Júnior, Tarcísio Pedro da Silva e Wilson Thoshiro Nakamura, em *“Criação de Valor no Desempenho Econômico de Empresas Familiares e não Familiares Brasileiras”*, analisaram a criação de valor no desempenho econômico de empresas familiares e não familiares brasileiras, entre os anos de 2011 e 2015.

Os resultados apontaram que as empresas familiares foram mais eficientes que as não familiares, porém isso não ocorreu em todos os anos. Os resultados também destacam o efeito da crise econômica na eficiência das empresas, com oscilação mais acentuada para as empresas não familiares. Essa oscilação mais forte na eficiência das empresas não familiares do que nas familiares pode ser em decorrência do perfil mais conservador das empresas familiares.

Finalizando a seção nacional, mas não menos importante, outro tema de enorme relevância econômica e social: *“Participação Feminina na Governança Corporativa de Empresas Familiares Listadas na BM&FBovespa”*. Nathália Aparecida Dias Vaccari e Ilse Maria Beuren analisaram a presença das mulheres em níveis estratégicos da governança corporativa de empresas familiares listadas na BM&FBovespa.

As autoras evidenciaram que a presença feminina na governança corporativa de empresas familiares listadas na BM&FBovespa ainda é pequena em comparação ao gênero masculino. No entanto, os resultados requerem parcimônia nas inferências, uma vez que os dados evidenciados no Relatório de Referência pouco esclarecem sobre a participação efetiva do gênero feminino na governança corporativa das empresas, o que se constitui em uma lacuna a ser preenchida com novas pesquisas, utilizando outras estratégias.

O artigo da seção internacional tem Asiya Sohail, Mobeen Ur Rehman e Atiya Yasmin Javid como autores, ambos de Islamabad, capital do Paquistão. Em *“Stock Market Reactions on Returns*

and Trading Volume: the Impact of the Global Financial Crisis”, os autores analisaram um possível efeito de *under-* e *overreaction* na Bolsa de Karachi, devido à Crise de 2008. Os autores encontraram evidências significativas de *overreaction* nas primeiras duas semanas e *underreaction* na 12ª e 24ª semana. Além disso, os autores evidenciaram efeitos diferentes para ações de empresas do setor financeiro e não financeiro.

Com isso eu finalizo este meu primeiro editorial desejando a todos uma ótima leitura, bem como um ano de 2017 repleto de coisas boas para todos nós!

LUIZ FELIPE DE ARAÚJO PONTES GIRÃO

Editor Geral

WENNER GLÁUCIO LOPES LUCENA

Editor Adjunto

REFERÊNCIAS

Almeida, J. E. F. de, & Dalmácio, F. Z. (2015). The Effects of Corporate Governance and Product Market Competition on Analysts' Forecasts: Evidence from the Brazilian Capital Market. *The International Journal of Accounting*, 50(3), 316-339.

Hopp, J. C., & Leite, H. D. P. (1988). O crepúsculo do lucro contábil. *Revista de Administração de Empresas*, 28(4), 55-63.

Iudícibus, S. de (1989). Lucro contábil: crepúsculo ou ressurgimento? *Caderno de Estudos*, (1), 01-03.

Janakiraman, S., & Radhakrishnan, S. (2015). Discussion of “The Effects of Corporate Governance and Product Market Competition on Analysts' Forecasts: Evidence from the Brazilian Capital Market”. *The International Journal of Accounting*, 50(3), 340-346.

Singh, A., & Singh, S. (2006). What is a good editorial? *Mens sana monographs*, 4(1), 14.